

OPERAÇÃO GOODWOOD Por Reinaldo V. Theodoro



Shermans do 23º de Hussardos avançam. Ao fundo, as ruínas das aciarias de Colombelles.

Prólogo:

Depois do sucesso inicial no “Dia-D”, passaram-se semanas de duros combates na Normandia. A região era ideal para a defesa, com bocages, bosques, terreno acidentado e cristas. As grandes vantagens aliadas, ou seja, a sua supremacia aérea e a grande mobilidade de suas unidades, haviam sido quase anuladas por aquele combate cerrado, à curta distância e em terreno difícil. Os bocages, ou sebes, em particular, revelaram-se um traiçoeiro acidente de terreno, particularmente para os tanques. Estes tinham duas alternativas: ou seguiam os caminhos labirínticos dos bocages e assim, inexoravelmente, iam em direção aos canhões inimigos que esperavam por eles na próxima curva, ou tentavam superar as sebes, com isso expondo a sua parte de baixo, fracamente blindada. O tempo também não ajudou, com a chuva sendo um aspecto constante da campanha.

Apesar disso, os aliados mantiveram a pressão e, a duras penas, conseguiram expandir a cabeçade-praia. O vital porto de Cherburgo foi conquistado a 29/06/44, mas a importante cidade de Caen, porta de entrada para a planície francesa e cuja captura havia sido prevista para o “Dia-D”, um mês depois ainda estava em mãos inimigas. Os alemães, reconhecendo a sua importância, empenharam as suas melhores tropas ali.

As operações britânicas se sucediam: “Perch” (12/06/44), “Epsom” (25/06/44), “Charnwood” (08/07/44) e “Greenline” (15/07/44). Esses ataques ganhavam terreno, desgastavam o inimigo e atraíam as reservas blindadas alemãs, mas cobravam pesado tributo em vidas britânicas e ca-

nadenses. Do lado americano, a situação era praticamente a mesma, com avanços limitados e caros.

Mesmo assim, as semanas se passavam e a esperada ruptura da frente na Normandia não acontecia. Era impossível não concluir que o avanço aliado havia sido detido. A opinião pública na Inglaterra e nos Estados Unidos começava a questionar a liderança aliada na Normandia. Embora o comando geral estivesse nas mãos do General Dwight D. Eisenhower, americano, todas as forças de terra estavam sob o comando do 21º Grupo-de-Exércitos, do General britânico Bernard L. Montgomery.



Montgomery na Normandia. No início de julho, a sua condução da batalha estava sendo questionada até entre oficiais britânicos.

Em fins de julho, o comandante do 1º Exército americano, General Omar N. Bradley, concebeu a “Operação Cobra”, visando a tão desejada ruptura. Contudo, para que ela tivesse êxito, os tanques alemães teriam que ser mantidos onde estavam – no setor inglês. Cabia aos ingleses mantê-los lá, através de um forte ataque.

Montgomery sabia que a infantaria britânica estava esgotada pelas semanas seguidas de constante combate. Ela havia sofrido a maioria das 40.000 baixas registradas no 2º Exército até meados de julho. Ele precisava atacar, mas teria que fazê-lo com suas três divisões blindadas. Porém, o terreno da Normandia era totalmente inadequado para manobrar tal massa de blindados, a não ser no terreno mais aberto no leste da cabeça-de-praia, entre Caen e Vimont. Ali, tal ação prometia melhores oportunidades. Em função disso, a maior operação de blindados da frente ocidental foi planejada, a “Operação Goodwood”.

O Plano:

Montgomery incumbiu o Tenente-General Miles C. Dempsey, comandante do 2º Exército britânico, de planejar a operação, dando as seguintes instruções:

“Objetivo da Operação: Dar combate aos blindados alemães de maneira tal que eles percam qualquer valor, para os alemães, como base de batalha. Conquistar uma larga cabeça-de-ponte sobre o Orne, através de Caen, para melhorar nossas posições no flanco leste. Destruir, tanto quanto possível, equipamento e pessoal alemães, para que possamos tirar o mais amplo partido do sucesso conquistado”. Ele prosseguia dizendo que o flanco leste tinha que continuar sendo “um bastião” do qual dependia o esforço americano principal (“Operação Cobra”).



Tenente-General Miles C. Dempsey, comandante do 2º Exército britânico. Foi dele o plano final para a “Goodwood”.

O plano final foi apresentado por Dempsey e aprovado por Montgomery a 10/07/44. O esforço principal caberia ao 8º Corpo-de-Exército, que englobaria as três divisões blindadas britânicas. O 2º Corpo canadense atacaria para o sul a partir de Caen (Operação “Atlantic”), cobrindo o flanco direito do ataque, enquanto o 1º Corpo britânico cobriria o flanco esquerdo. A operação começaria com um maciço bombardeio aéreo, usando inclusive bombardeiros quadrimotores pesados.

Mas o plano de Dempsey tinha algumas deficiências desde a sua concepção. Em primeiro lugar, o ataque partiria da cabeça-de-ponte aeroterrestre a sudeste do rio Orne. Contudo, se as divisões blindadas fossem concentradas nela, os alemães seriam alertados quanto à iminência de um ataque. Portanto, os blindados seriam mantidos na margem oeste até pouco antes do ataque. Com isso, as quatro¹ pontes sobre o rio ficariam congestionadas e todo o movimento das tropas ficaria muito prejudicado, principalmente quanto aos regimentos de artilharia, que de início não poderiam passar para a outra margem para apoiar a continuação do avanço.

Outra deficiência do plano era a escassez de infantaria. Apenas a infantaria orgânica das divisões blindadas seria muito pouco para limpar as várias aldeias fortificadas que o 8º Corpo teria pela frente.

Para complicar, toda a área de concentração britânica estava sob permanente observação alemã, tanto da Cota 112, quanto das aciarias de Colombelles. Isso praticamente eliminava o elemento surpresa.

O apoio de artilharia seria bastante considerável somente até o ataque atingir a linha da ferrovia Caen-Lisieux. Depois dela, as unidades teriam que contar somente com a artilharia de campanha das divisões.

A frente de ataque seria muito estreita, eliminando a vantagem da grande mobilidade aliada. O plano previa que a 11ª Divisão Blindada deveria evitar Cagny (que seria objetivo da Divisão Blindada de Guardas, mais atrás), mas isso deixaria no flanco da 11ª um forte ponto-chave inimigo.

Finalmente, o terreno aberto e ligeiramente ondulado, bom para tanques, também permitia o pleno uso das armas anti-tanques alemãs de longo alcance, particularmente os mortíferos “88”.

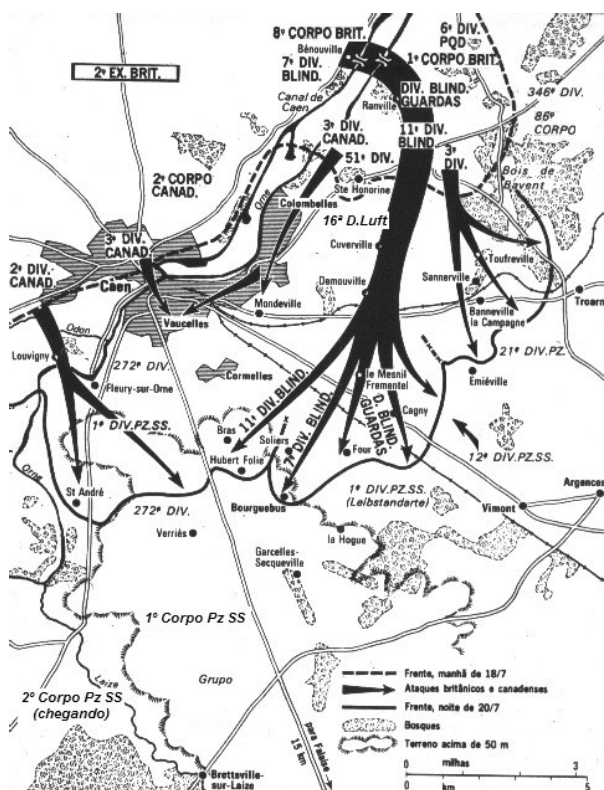
Os Aliados:

Ao 8º Corpo-de-Exército, do Tenente-General Richard O'Connor, contando com as divisões blindadas britânicas 7ª, 11ª e de Guardas, caberia cumprir os objetivos da “Goodwood”. À leste, o 1º

¹ Para piorar as coisas, um soldado que conduzia um tanque Pantera capturado resolveu atravessar uma das pontes, mas ela não agüentou o peso do veículo e veio abaixo.

Corpo, do Tenente-General J.T. Crocker, lançaria as 3ª e 51ª Divisões de Infantaria para o sul. A oeste, o 2º Corpo canadense, do Tenente-General G.G. Simonds, com as 2ª e 3ª Divisões de Infantaria canadenses, limparia os subúrbios de Caen e estabeleceria uma cabeça-de-ponte ao sul do Orne.

A 11ª Divisão Blindada, do Major-General G.P.B. "Pip" Roberts, atacaria na direção de Bras, Hubert-Folie, Verrières e Fontenay; a 7ª, do Major-General George W.E.J. Erskine, teria como objetivo Four e Garcelles-Secqueville; e a Divisão Blindada de Guardas, do Major-General Allan H.S. Adair, rumaria para Cagny e Vimont. O objetivo do Corpo era expulsar os alemães da crista de Bourguébus. Ao todo, seriam empenhados 115.000 homens, 1.000 tanques e 750 canhões.



Como se desenrolou a "Goodwood".

Os Alemães:

A frente de Caen era responsabilidade do Grupo Panzer Oeste, do General der Panzertruppe Heinrich Hans Eberbach. À direita, estava o 86º Corpo-de-Exército, que defendia a área boscosa do Bois de Bavent com a 346ª Divisão de Infantaria. Ao sul de Caen, área de responsabilidade do 1º Corpo Panzer SS, estavam os restos da dizimada 16ª Divisão da Luftwaffe (que havia sofrido 75% de baixas durante a luta por Caen, no início de julho) e, à sua esquerda, estava a 272ª Divisão de Infantaria. Essa linha era reforçada com grupos de batalha da 21ª Divisão Panzer e dos Ti-

gres do 503º sPzAbt². Os canhões de 88 mm do 3º Corpo Anti-Aéreo também davam a sua contribuição. A região, por ser considerada vital, tinha forte dotação de artilharia (cerca de 300 canhões e igual número de Nebelwerfers). Em reserva, próximo à frente, estava a 1ª Divisão Panzer SS *Leibstandarte*. A 12ª Divisão Panzer SS *Hitlerjugend*, que também deveria estar em reserva, havia sido enviada para Lisieux por ordem de Hitler, que tivera a intuição de que os aliados iriam realizar outro desembarque (ela já estava retornando para a área quando o ataque começou). Havia ainda algumas unidades em reserva na França, como a 116ª Divisão Panzer, além de várias divisões de infantaria.



General Heinrich H. Eberbach, comandante do Grupo Panzer Oeste, que seria rebatizado 5º Exército Panzer em 05/08/44. Eberbach acabou capturado pelos britânicos a 31/08/44.

Começa a "Goodwood":

Ao cair da noite de 17/07/44, os tanques de O'Connor começaram a se mover para a cabeça-de-ponte. A região que nas próximas horas seria palco da feroz batalha era tipicamente agrícola. Trigais e plantações de beterraba estendiam-se ao lado da estrada para Falaise. O terreno subia suavemente as serras de Bourguébus e de Verrières, cerca de 8 quilômetros além. Duas ferrovias cruzavam a região: a Caen-Vimont e a Caen-Lisieux. Havia também diversas aldeias, com casas feitas de pedras, que os alemães, com sua costumeira eficiência, haviam transformado em pontos fortificados. Todas tinham guarnições de infantaria, blindados e o onipresente "88". O bombardeio aéreo preliminar contou com cerca de 4.500 aviões, ingleses e americanos, incluindo mais de 1.000 bombardeiros médios e pesados.

²*schwere Panzer Abteilung* = Batalhão de Tanques Pesados.

Eles lançaram cerca de 7.000 toneladas de bombas, que literalmente arrasaram as posições alemãs a leste de Caen. Cagny recebeu um “tratamento especial”, com mais de 650 toneladas de bombas. Muitas vilas foram reduzidas a ruínas e os defensores foram de tal forma desmoralizados que era impossível opor qualquer resistência séria quando o ataque se iniciou.

O Capitão alemão Freimark von Rosen, então com 19 anos, escreveu:

“Meus tanques (12 Tigres do 503º sPzAbt) estavam prontos para combate, bem posicionados, camuflados e dispersados no parque de Mannéville (5,5 quilômetros a leste de Caen)... Nós estávamos bem no meio do bombardeio (que durou mais de duas horas) que foi como o inferno e eu ainda estou espantado por ter sobrevivido. Um tanque a 30 metros recebeu um impacto direto e pegou fogo imediatamente. Outro tanque ficou de cabeça para baixo pelo deslocamento de ar, um Tigre de 58 toneladas... Todos os tanques estavam completamente cobertos de terra e os motores se encheram com ela. Cinquenta homens da minha companhia estavam mortos, dois soldados cometeram suicídio. Outro soldado enlouqueceu. Quando nos retiramos no início da tarde para Cagny, todo o batalhão tinha somente de 6 a 8 tanques (dos originais 42)”.



Panzer VIB Tigre II do 503º sPzAbt. O batalhão foi o primeiro a ser equipado com esse tanque. Na Normandia, ele tinha duas companhias com o Tigre II, enquanto a 3ª Companhia tinha o Panzer VIE Tigre. Devido à absoluta supremacia aérea aliada, os blindados alemães tinham que ser mantidos escondidos em bosques, como mostrado nessa foto.

Quando os aviões voltaram para a Inglaterra, os cruzadores *HMS Mauritius* e *HMS Enterprise* e o monitor *HMS Roberts* abriram fogo contra as posições da artilharia alemã. As linhas de comunicação alemãs também foram totalmente destruídas. O plano de bombardeio preliminar encerrou-se às 9:30 h.

O 8º Corpo, encabeçado pela 11ª Divisão Blindada, iniciou a sua marcha às 7:45 h. Porém, uma

vez do outro lado do rio, os blindados ingleses se viram diante de um problema inesperado: campos minados aliados que não haviam sido mapeados. A 11ª penetrou as posições alemãs quase sem oposição, arrebanhando muitos prisioneiros que, atordoados, levantavam as mãos à aproximação dos ingleses. A 7ª Blindada deveria segui-la e a de Guardas avançaria pelo leste.



Cromwells da 22ª Brigada Blindada, 7ª Divisão Blindada, aguardando na margem oeste do Orne.

O avanço inicial dos blindados ingleses foi realizado com forte apoio da artilharia, mas foi prejudicado pelo seu rígido plano de fogos. A 11ª Blindada chegou à ferrovia Caen-Lisieux por volta das 8:30 h, mas teve que parar aí por 20 minutos para esperar o cumprimento do programa de bombardeio. Isso deu tempo aos alemães para se reorganizarem e quando a ferrovia Caen-Vimont foi atingida, duas horas depois, os alemães já haviam se reagrupado.

O 23º de Hussardos literalmente espalhou-se pela planície, encontrando pouca oposição por mais de 6 quilômetros. Porém, quando ele atingiu a linha da ferrovia, ele estava sem apoio aéreo e a barragem de artilharia havia cessado. Os canhões haviam ficado para trás e o apoio aéreo, que seria fundamental para manter a vantagem tática obtida com o pesado bombardeio, foi muito prejudicado com a perda do único Controlador Aéreo Avançado naquela manhã. A infantaria de apoio do 3º RTR, do 8º Rifle Brigade³, começou a ficar para trás, com o rápido avanço dos tanques. Na frente canadense, a 3ª Divisão de Infantaria teve dificuldade para limpar Colombelles, prejudicando a passagem da 7ª Divisão Blindada, que se atrasou e tentou contornar o engarrafamento, indo se misturar com a Divisão de Guardas. A única unidade da 7ª a entrar em combate nesse dia foi o 5º RTR, que se chocou com blindados alemães em Cuverville e perdeu 6 tanques.

Em Cagny, o Major Hans von Luck organizou um ataque de flanco usando um punhado de canhões de 88 mm e alguns Panzer IV, destruindo 12 Shermans do Fife & Forfar Yeomanry. Um único

³ Apesar do nome, era um batalhão.

tiro era o suficiente para transformar um Sherman num destroço fumegante.

Em Grentheville e em le Mesnil-Frèmentel, o comandante do 200º Sturmgeschütz-Abteilung, Major Becker, organizou a defesa com os remanescentes de seus obuseiros de 105 mm montados em chassis de tanques franceses.



Obuseiro alemão de 105 mm instalado sobre o chassis do tanque francês Hotchkiss H-39, uma das muitas improvisações que os alemães realizaram durante a guerra.

No leste, a Divisão Blindada de Guardas recebeu ordem de rumar para Vimont, mas chocou-se com uma companhia de Tigres do 503º sPzAbt, só conseguindo superar o obstáculo após a chegada de alguns Shermans Fireflies, armados com canhões AT de 17 libras.



Sherman IC Firefly. Único tanque aliado em julho de 1944 com um canhão capaz de desafiar os melhores tanques alemães.

A despeito desses sucessos alemães locais, a 11ª Blindada conseguiu chegar às bordas da crista de Bourguébus. Ela esperava encontrar pouca resistência, mas já então os alemães haviam trazido elementos da 21ª Panzer e da 1ª Panzer SS. O 3º RTR atacou a área entre Bras e Hubert-Folie, mas foi detido no início da tarde. O 23º de Hussardos e o 2º Fife & Forfar foram repelidos para o leste, em direção a Soliers e Four.

Um capitão do 3º RTR escreveu: "Eu vi Sherman depois de Sherman explodir em chamas ... e eu

pensei que em poucos minutos não restaria mais nada do regimento".

Mais de 70 tanques foram destruídos e os aliados se retiraram. Por volta do meio-dia, os alemães contra-atacaram, visando atingir a estrada Caen-Troarn, sem sucesso.

Pela noite, a 11ª Divisão havia sofrido pesadas baixas (126 tanques, ou quase 50% do seu efetivo original), mas havia atingido uma linha dominando Bras, Hubert-Folie e Soliers.

A luta por Cagny, arrasada pelas bombas, foi particularmente feroz e se estendeu por toda a tarde. Numa ação extraordinária, o Tenente J.R. Gorman, do 2º Irish Guards, lançou-se contra um Tigre, abalroando-o, quando a torre de seu tanque enguiçou. Ele conseguiu escapar e, encontrando um Sherman cujo comandante havia sido morto, voltou ao local e destruiu o Tigre abalroado. Cagny caiu para a Divisão Blindada de Guardas pelas 18:00 h, ao custo de 60 tanques.

Na frente do I Corpo, a 3ª Divisão de Infantaria inglesa, com o apoio dos Shermans da 27ª Brigada Blindada, abriu caminho a ferro e fogo pelas defesas da 346ª Divisão de Infantaria e pela 16ª Divisão da Luftwaffe, atingindo Emiéville e Troarn. Touffreville resistiu até o anoitecer.

Na frente do Corpo canadense, a 3ª Divisão teve dificuldades em expulsar a 272ª Divisão alemã das ruínas de Colombelles e de Vaucelles. Porém, à noite ambas estavam em poder dos canadenses, permitindo aos aliados atravessar o Orne ao sul de Caen.

O dia terminou com um saldo impressionante em termos de baixas: cerca de 1.500 homens e 200 tanques haviam sido perdidos, em troca de alguns quilômetros quadrados de território francês. Pior que isso, sem que ninguém ainda soubesse, a crise para os alemães já havia passado, pois Eberbach havia conseguido estabilizar a frente ao sul de Caen, embora falhasse em reconquistar algum terreno. As suas perdas também haviam sido muito pesadas, incluindo 109 tanques, além da virtual eliminação de uma divisão de infantaria e pesadas baixas em outras duas. Em vista disso, o Marechal alemão Gunther von Kluge, que acumulava as funções de comandante da Frente Ocidental e do Grupo-de-Exércitos "B", obteve a nova 116ª Divisão Panzer, que imediatamente começou a deslocar-se para a região. A 12ª Divisão Panzer SS e unidades de infantaria também se deslocaram para lá.

Contudo, ignorando isso, nos QGs aliados o tom era de otimismo. O comunicado à imprensa emitido pelo 21º Grupo-de-Exércitos dizia que o 2º Exército havia rompido a frente inimiga a sudeste de Caen e que poderosas forças blindadas estavam rumando para o sul e sudeste. Em todos os lugares em que essa mensagem foi recebida, a impressão causada era de que os britânicos haviam conseguido romper a frente da Normandia.

Nada estava mais longe da verdade.

No dia seguinte, às 4:30 h, o ataque recomeçou. No flanco esquerdo, a 3ª Divisão inglesa voltou a atacar Emiéville, sendo repelida por quatro vezes. Enquanto isso, na frente do Corpo canadense, a 2ª Divisão de Infantaria canadense, que não havia entrado em combate desde Dieppe, quase dois anos antes, conquistava Louvigny, depois de feroz combate de casa em casa contra elementos da 271ª Divisão alemã. A sua 5ª Brigada então forçou a passagem do Orne e avançou mais 1.500 metros, rechaçando a 272ª Divisão e um grupo de batalha da 2ª Divisão Panzer. Contudo, o ataque contra Fleury-sur-Orne começou com o pé esquerdo, com a infantaria do Le Régiment de Maisonneuve sendo atingida pelo fogo de sua própria artilharia.

No começo da tarde, a 11ª Divisão Blindada retomou o ataque, conquistando as aldeias de Bras e Hubert-Folie, a despeito das pesadas perdas, da interferência da Luftwaffe⁴ e da desesperada resistência imposta por um batalhão de infantaria da 1ª Divisão Panzer SS, reforçado com Tigres e canhões de 88 mm.

Coube à 7ª Divisão Blindada investir Bourguébus, que estava erichada de canhões de 88 mm, Panterras e Tigres. Apesar de todos os esforços, Bourguébus resistiu. Em Cagny, a Divisão Blindada de Guardas também não conseguiu ganhar muito terreno.

Ao fim do dia, o 8º Corpo havia perdido mais 131 tanques. A tenaz resistência alemã estava cobrando um alto preço aos blindados ingleses e Dempsey concluiu que teria que retirar as suas divisões blindadas de linha para recuperação após a conquista de Bourguébus.

As perdas alemãs, porém, eram bem mais sérias, por serem praticamente insubstituíveis. A 16ª Divisão da Luftwaffe fôra riscada da ordem de batalha alemã e a 21ª Divisão Panzer estava reduzida ao efetivo de um batalhão.

O dia 20 começou nublado, reduzindo a possibilidade de apoio aéreo. Às 15:00 h, a 6ª Brigada da 2ª Divisão canadense investiu contra a crista de Verrières, uma colina de 88 metros de altura a 5 quilômetros ao sul de Caen e que dominava os seus acessos. A crista era defendida pela 272ª Divisão, reforçada por elementos da 2ª Divisão Panzer. De início, os regimentos de vanguarda ocuparam os primeiros objetivos, mas um vendaval de fogo deteve a infantaria canadense. A artilharia alemã, postada a oeste do Orne, tinha visão total da área e martelou os atacantes. Para destruir qualquer esperança de êxito, caiu um temporal. Mas o pior ainda estava por vir.

Para dar o golpe de misericórdia, um grupo de tanques alemães surgiu da névoa e desbaratou o South Saskatchewan, cujos canhões anti-tanques

não haviam ainda chegado à frente. Os tanques foram adiante e golpearam duas companhias do Essex Scottish Regiment. A duras penas, o batalhão resistiu ao ataque. À direita, os canadenses foram impiedosamente bombardeados em St. André, mas não cederam terreno. No dia seguinte, os canadenses rechaçaram nada menos que quatro contra-ataques alemães.

Em Bourguébus, o 5º RTR, com o apoio do 1º Rifle Brigada e de artilharia, conseguiu conquistar a aldeia. Também nesse dia, o 4º County of London Yeomanry, outro regimento blindado da 22ª Brigada Blindada, atingiu a estrada Caen-Falaise perto de Bras. Mas o dia custara aos britânicos mais 68 tanques.

A chuva caiu ininterruptamente por 48 horas, transformando o campo de batalha num lamaçal. Para todos os efeitos, a “Operação Goodwood” estava encerrada. As divisões blindadas britânicas precisavam ser retiradas para descanso e recompletamento e as reservas alemãs já afluíam para a região. Era necessário consolidar o terreno conquistado.

Contudo, os alemães concluíram que o mau tempo havia detido os ingleses e que eles reiniciariam o ataque quando o tempo melhorasse. Em vista disso, Eberbach transferiu a 9ª Divisão Panzer SS para o leste do Orne, afastando-a da área de ataque da “Cobra”. A 2ª Panzer foi retirada da área de Caumont e também transferida para o leste, com a 10ª Divisão Panzer SS se preparando para segui-la. A 12ª Divisão Panzer SS já estava em linha, com a 116ª chegando. Assim, quando a “Cobra” começou, o 2º Exército britânico tinha à sua frente sete divisões Panzer, totalizando 645 tanques e 92 batalhões de infantaria. Diante do 1º Exército americano, havia apenas duas divisões Panzer (e uma delas era a desgastada Panzer Lehr⁵) e uma de Panzergrenadier, totalizando 190 tanques e 85 batalhões de infantaria. Ironicamente, o mau tempo que reinou entre o fim da “Goodwood” e o início da “Cobra” ajudou os aliados, pois deu tempo a Eberbach de transferir suas forças da frente americana para a britânica.

O cenário agora estava pronto para a tentativa de ruptura americana, a “Operação Cobra”.

Conclusões:

Os aliados haviam ampliado o território libertado em meros 11 quilômetros a leste de Caen e destruído mais de 100 tanques inimigos, para a perda de 413 tanques (36% de todos os tanques do 2º Exército) e mais de 5.500 homens. As perdas alemãs haviam sido pesadas e eram virtualmente insubstituíveis. Mas, mais importante que isso, quase todas as suas reservas haviam sido leva-

⁴ Aviões Me 109 bombardearam e metralharam a infantaria do 4º King's Shropshire Light Infantry.

⁵ Na ocasião, ela estava reduzida a 40 tanques e 2.200 homens.

das para a área de Caen.

Montgomery sempre alegou que “Goodwood” tinha dois objetivos: conquistar terreno ao sul de Caen e a leste do Orne e atrair e desgastar as reservas blindadas alemãs, afastando-as da frente americana. É inegável que ele conseguiu as duas coisas, muito embora ele não tivesse conquistado tanto terreno nem destruído tantos inimigos quanto esperava.

Contudo, diversas declarações dele à imprensa e mesmo a seus superiores⁶ deixam transparecer que ele tinha, no seu íntimo, alguma esperança de conseguir uma ruptura. Ele estava bem a par do desgaste sofrido pelas divisões alemãs e a usura com que Hitler liberava os reforços. Pela primeira vez na Normandia, ele faria um ataque totalmente blindado (embora isso se devesse mais à precariedade da situação da sua infantaria que ao poderio de seus tanques, notoriamente inferiores aos alemães) e teria ainda um esmagador apoio aéreo e de artilharia. Em suma, embora ele jamais afirmasse ou escrevesse que esperava conseguir uma ruptura, em seu espírito ele estava preparado para a eventualidade – e, como comandante, não fazia mais do que sua obrigação prever essa possibilidade.

Contudo, durante vários dias houve um complô para derrubá-lo, engendrado, ironicamente, por membros britânicos do Estado-Maior de Eisenhower. O aparente fracasso da “Goodwood” dera a eles argumentos para recomendar a remoção de Montgomery. Mas Eisenhower manteve o comandante inglês e quando a “Cobra” começou – e em pouco tempo transformou-se na tão desejada ruptura – os que criticavam Montgomery se viram diante da total desmoralização.

Longe das fofocas de gabinete, no campo de batalha, a 25/07/44 começou a “Operação Cobra”. Os americanos romperam a frente alemã e, não encontrando nenhuma oposição séria pela frente, chegaram a Avranches e de lá se despejaram pela França. Um mês após o início da operação, Paris era libertada, enquanto o Exército alemão era destroçado em Falaise. Haveria ainda meses de lutas árduas, mas a campanha da Normandia estava terminada e a vitória na guerra agora era certa. Montgomery havia conseguido fazer todos dançarem conforme a sua música – alemães e aliados.

⁶ Ele havia dito a Eisenhower que iria “incendiar” o flanco esquerdo inglês.